



A CEIA DO SENHOR: UMA ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA OCORRIDA EM CORINTO¹

The Lord's Supper: an analysis of the problem occurred in Corinth

Magno Lessa do Espírito Santo²

RESUMO

O presente trabalho visa analisar os motivos que fizeram com que os conflitos surgissem no momento da celebração da Ceia do Senhor na comunidade cristã de Corinto. Para tanto, parte da seguinte indagação: Qual o problema ocorrido no momento da celebração da Ceia do Senhor? A fim de propor uma resposta para essa problemática, é necessário, a priori, analisar a situação em Corinto, tendo em vista o aspecto da estratificação social, presente, principalmente, na rede de patronato. Em seguida, delimitar a importância da celebração da Ceia dentro da comunidade cristã de Corinto, destacando a necessidade da comunhão no banquete e a igualdade que os membros assumem, uma vez que fazem parte do único corpo de Cristo. Por fim, mostrar que dos participantes era exigido à exclusividade na participação da mesa do Senhor, que além de identificá-los como membros, também demarcava a fronteira com a finalidade de protegê-los em face de outros tipos de associação cültica. Tendo por base a pesquisa de autores como: Meeks, Dunn, Crossan e Reed, Theissen, dentre outros importantes estudiosos que se debruçaram sobre o assunto, pode-se notar que o banquete ali celebrado proporcionava aos ricos o momento de se enaltecerem em relação aos pobres, já que os ricos comiam a refeição primeiro e, só depois de os pobres chegarem - pois muitos trabalhavam até mais tarde - comiam o que sobravam.

¹ Artigo recebido em 21 de fevereiro de 2017, e aprovado pelo Conselho Editorial em reunião realizada em 20 de novembro de 2017, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*

² Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, especialização em Teologia do Novo Testamento Aplicada pela Faculdade Batista do Paraná. magno_lessa@hotmail.com.

Palavras-chave: Corinto. Comunidade cristã. Ceia do Senhor.

ABSTRACT

The present work aims to find out the reasons which led into a conflict during the right Lord's supper moment in the Christian community so called Corinth. Like that we all start from the following resentment: what was the problem occurred in that moment? In order to get through with an answer for that issue is necessary in first place, to get a good information for a better analysis, in Corinth, aiming the social layers side present, in special in the boss network. Following up, the Corinth situation should be well delimited, in the "Lord's supper" celebration it's concerned, in the Christian community of Corinth, pushing up the need of communion in the banquet and the equality the members take, just because, they are part of unique Christ's Body. In the end, should be showed that from the participants were asked for the exclusive in the share of the Lord's table, besides being known as members, also get the "border" well cleared to get protected from a sort of cult association. Stand the search of other as: Meeks, Dunn, Crossan and Reed Theissen, among other important well regarded scholars who spent a long time on the matter, the banquet can be noted, in there celebrated, offer to the rich people firstly - to get over the poor, as those are used to get fed, before the other - as many of them work, up to a later time and they were eating all what that had left behind.

Keywords: Corinth. Christian community. Lord's supper.

INTRODUÇÃO

Na primeira carta canônica de Paulo aos Coríntios nota-se a presença de inúmeros conflitos ocorridos no seio da comunidade. Através da teologização de Paulo é possível ter acesso a essas problemáticas que envolviam as comunidades primitivas, haja vista, Paulo só escrever a partir da necessidade de sanar os infortúnios ocorridos. Assim, não temos uma explanação mais detalhada a respeito das questões concernentes à Ceia do Senhor, resumindo--se, desse modo, a dois capítulos, a saber, os capítulos 10 e 11.

Embora não contamos com mais detalhes a respeito dessa celebração por parte de Paulo, podemos analisar a forma inapropriada que a Ceia do Senhor estava sendo celebrada a partir de uma análise sociológica da participação dos cidadãos de Corinto nos banquetes realizados nos templos da cidade e o sistema de relações em redes chamado de patronato.

Corinto era uma cidade portuária, marcada pela costumeira prática de

se realizar banquetes nos templos e nas associações com a finalidade cúltica³. Tais banquetes se expressavam no momento oportuno de estratificação social. Por conta disso, partimos da seguinte indagação: Qual a dificuldade ocorrida no momento da celebração da Ceia do Senhor?

A hipótese mais provável é que estava acontecendo no momento da celebração da mesa do Senhor o mesmo que, repetidamente, se presenciava nos banquetes cúlticos realizados nos templos da cidade. Considerando ser nesses banquetes, a oportuna legitimação das diferenças sociais entre os membros da elite e os pobres⁴.

Em virtude disso, investigar a sociedade de Corinto e as relações sociais dos cidadãos é de essencial importância na busca por compreender os conflitos acontecidos na celebração da Ceia do Senhor. Com o propósito de fornecer uma investigação satisfatória, a presente pesquisa terá por base autores como: Meeks, Dunn, Crossan e Reed, Theissen dentre outros respeitáveis estudiosos.

Por conseguinte, o presente artigo objetiva-se averiguar a situação ocorrida em Corinto, destacando a relação do patronato como forma de estratificação social. Em seguida, discutirá a participação dos membros na Ceia do Senhor, a fim de mostrar que o banquete não estava cumprido a sua finalidade, a comunhão entre os membros. Por fim, cumpre salientar que a participação à mesa do Senhor servia como demarcador de fronteira, onde se requeria dos membros exclusividade no que tange a participação.

1 SITUAÇÃO DE CORINTO

A fim de compreender a situação ocorrida na celebração da Ceia do Senhor, é necessário analisarmos as características da sociedade, principalmente a relação dos ricos e pobres no sistema conhecido como patronato. Além do mais, é imprescindível salientar, ainda que sucintamente, a formação da cidade como colônia romana. Fato que eleva Corinto a certo *status* e estabelece as leis das quais a cidade era regida. Já que uma colônia romana era uma Roma em miniatura.

³ KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 368.

⁴ MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo biografia crítica**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004, p. 284.

Como cidade política, a história de Corinto⁵ remonta ao século VIII a.C. até meados do século II a.C., período no qual ela floresceu como cidade-estado grega. No entanto, não demorou a que Corinto fosse alvo de invasões e saques, fato que levou à sua destruição em 146 a.C. (pelo romano L. Mummius Achaicus⁶). Um século mais tarde (por volta do ano 44 a.C.), Júlio César estabeleceu em Corinto uma colônia, para onde foram enviados alguns veteranos do exército, bem como um elevado número de pobres urbanos de Roma, libertos, os quais, por sua vez, ocupavam a posição de servos alforriados, condição social um pouco acima a de um escravo. Assim, o repovoamento da cidade foi uma das formas encontradas pelo imperador a fim de atenuar a superlotação em Roma, além de fazer com que os libertos se beneficiassem da oportunidade socioeconômica oferecida pela cidade⁷.

Essa situação gerou o colorido da sociedade de Corinto, porquanto, segundo Horsley, os libertos e outros homens de baixo *status* social deram o tom num *ethos* urbano extremamente competitivo. A elite, faminta de honras e cargos, cultivava o sistema de patronato, rede de relações de benfeitorias e honras que envolvia os governantes e imperadores, financiando a construção de novos templos cívicos e imperiais no centro da cidade⁸.

Na qualidade de libertos e pobres urbanos, eles ou já faziam parte das camadas inferiores da rede de patronato ou estavam vulneráveis ao recrutamento para tais camadas. Em meio a toda pompa oferecida pela elite da cidade, cada vez mais prestigiada com honras e benfeitorias, “os coríntios tinham uma reputação de pessoas incultas e carentes em termos de manejo social, em parte porque os

⁵ A localização especial de Corinto, com os dois portos de Cencreia e de Leceia, explica a importância da cidade como centro comercial entre a Ásia e Roma/ Grécia. Corinto era considerada uma cidade rica, na qual floresciam o comércio, negócios financeiros e a produção artesanal, e onde havia um grande número de cultos helenista-orientais. Cf. SCHNELLE, Udo. **Paulo vida e pensamento**. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014, p. 236.

⁶ MORRIS, Leon. **I Coríntios: Introdução e comentário**. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1986, p. 11.

⁷ HAFEMANN, S. J. Cartas aos Coríntios. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 281.

⁸ HORSLEY, Richard A. 1 Coríntios: Estudo de caso da Assembleia de Paulo como sociedade alternativa. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 238-239.

abastados exploravam em demasia os pobres”⁹.

Um momento oportuno para tal exploração era a reunião onde celebrava a Ceia do Senhor. Nesse momento a diferença social se mostrava mais latente. Contrariando o fundamento pelo qual a Ceia havia sido constituída. Já que o objetivo da celebração era desconsiderado, pois ao invés de proporcionar a comunhão entre os membros da “*ekklesia*”, tendo Cristo como o exemplo máximo da vida entregue em prol do outro, a Ceia, oportunamente, separava os membros distinguido classe social.

Nas igrejas atuais a eucaristia constitui-se apenas em um pedaço de pão e um gole de vinho. No primeiro século, no entanto, envolvia uma refeição completa - jantar ou banquete. Segundo Crossan e Reed, a ordem na ceia obedecia à seguinte sequência: “(1) Invocação e *partir* do pão (11. 23-24); (2) A Ceia (11. 25a); (3) Invocação e *participação* do cálice (11. 25b-26)”¹⁰ [grifo do autor]. A Ceia acontece entre esses dois momentos.

O problema no momento da celebração pode ser resumido da seguinte forma: Os membros mais ricos da comunidade chegavam cedo, comiam e bebiam fartamente (*prolambano*¹¹), em detrimento dos pobres que só chegavam mais tarde e traziam uma quantidade menor de comida. Com isso, os pobres tinham que se contentar com pão e pouca coisa mais, enquanto os ricos tinham carne e uma variedade de comida. Desse modo, os ricos acentuavam a diferença entre os vizinhos e, embora, eles abrissem suas casas para a igreja, eles faziam de um modo que enfatizava as diferenças sociais¹².

Paulo reclama essa situação por entender que no momento da celebração, o partir do pão e a participação no cálice dão ênfase ao aspecto comunitário. O sentido da Ceia do Senhor é alimentar e sustentar a relação com

⁹ HORLEY, 2004, p. 239.

¹⁰ CROSSAN, John Dominic. REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo**: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 308.

¹¹ Um marcador de uma relação de agente com acontecimentos numeráveis, com implicação de um elemento temporal anterior ou inesperado “fazer antecipadamente, realizar antes do tempo”. LOUW, Johannes. NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 715.

¹² MARSHALL, I. H. Ceia do Senhor. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008, p. 212.

Cristo, nos aspectos: comunitário e corporativo. Uma vez que o ato constitui-se no memorial do sacrifício de Cristo e não em uma mera recordação envolvida em sinais de piedade.

O sentido parece ser, antes, o de construir o comer e beber compartilhando do que o próprio Jesus consagrou como símbolo da sua morte como sendo em si mesmo o ato da memória, a representação cheia de louvor daquilo que acontecera... uma vez por todas¹³.

Segundo Dunn, qualquer passo na prática eucarística para uma celebração isolada ou que pretensiosamente a diminua como experiência compartilhada contradiria a ênfase de Paulo e se distancia da sua cristologia do corpo de Cristo¹⁴.

Ademais, o apóstolo pede que os que têm fome comam em casa (11. 34). Isto é, os ricos deveriam comer suas refeições em casa, caso tivessem com fome. A refeição (celebração da mesa do Senhor) tinha que ser em comum. Eles podiam até trazer alimentos mais baratos para a refeição, contudo, todos comeriam na mesma hora e o mesmo alimento. Não se tratava de caridade, assistência social ou até mesmo esmola, mas da tentativa de participação na criação que reconhece Deus como Senhor de todas as coisas¹⁵.

Nota-se, dessa forma, que a preocupação do apóstolo Paulo estava centrada no pão e no cálice como expressões primárias da unidade da congregação e como meio dessa unidade quando corretamente celebrados. Sendo assim, para Dunn, Paulo não visa enfatizar simplesmente o pão e o cálice, mas a participação de um só pão e um só cálice. Para Paulo, o importante era é a participação conjunta cuja característica do reunir-se tenha por finalidade a unidade no corpo de Cristo. Portanto, reunir-se constituía-os em igreja¹⁶.

Pois uma Ceia do Senhor que não era compartilhada e não se consistia na participação de um só corpo e um só cálice, não efetivava-se na Ceia do Senhor. Logo, se o ato de partir o pão tem por finalidade fazer o participante lembrar-se do auto sacrifício de Cristo em prol do outro, sem fazer distinção de classe social, e muito menos acepção de pessoas, a atitude de seus participantes negligenciam

¹³ DUNN, James. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 701.

¹⁴ DUNN, 2008, p. 700.

¹⁵ CROSSAN; REED, 2007, p. 308-309.

¹⁶ DUNN, 2008, p. 695-696.

o exemplo de Cristo e desmerecia o memorial da refeição. Os patronos ofereciam o banquete convidando seus clientes bem como amigos de igual nível social, com isso, a celebração não cumpria seu objetivo, proporcionar a união do corpo.

Portanto, o partir o pão e a participação no cálice dão ênfase no aspecto comunitário da celebração. E qualquer conduta contrária ao exemplo de abnegação visto na ação de Jesus, negaria essa proclamação. Por conseguinte, o total descaso dos ricos pelos membros mais pobres da comunidade cristã de Corinto provocou a ira paulina.

2 PATRONATO EM CORINTO

É possível que a problemática em torno da Ceia do Senhor, seja, então, reflexo da estratificação social. Como já mencionado, que causavam separação entre os ricos e pobres. E caracterizava-se no momento oportuno de legitimação da superioridade da elite social.

Segundo Chow, o patronato oferecia uma das maneiras por meio das quais as relações em Corinto teriam se organizado. A instituição do patronato constituía-se numa rede de relações hierarquizada, composta pelo imperador, pelos funcionários romanos, pelos notáveis locais e pelo povo em geral¹⁷.

No centro último do poder estava o imperador romano, o qual garantia favores e esperava em troca lealdade e honras. Os funcionários romanos, por sua vez, nessa rede de favores, estavam abaixo do imperador, tinham o seu poder e mandato definido pelo líder máximo. Logo, nesse caso, esperava que o imperador nomeasse aqueles que lhe sejam leais. Além do mais, como gratidão e desejo de perpetuar sua posição visando melhores perspectivas no futuro, é bastante provável que o nomeado se esmerasse em agradar o imperador. Os notáveis locais costumavam serem os aristocratas, homens abastados que, geralmente, haviam ocupado o cargo de magistrados locais¹⁸.

Como uma espécie de empréstimo criava uma relação entre credor e devedor, assim como um favor ou serviço prestado dava origem a uma relação

¹⁷ CHOW, John K. Patronato na Corinto romana. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 112.

¹⁸ CHOW, 2004, p. 112-119.

social entre romanos. A benfeitoria e a retribuição eram tidas como uma questão de honra, a dinâmica da troca determinava parcialmente a posição social dos homens envolvidos. Assim sendo, o homem poderia ter “amigos superiores”, “amigos iguais”, “amigos inferiores” e humildes “clientes”. A capacidade de oferecer trocas de serviços superiores e inferiores determinava a posição na hierarquia¹⁹.

Nessa espécie de hierarquia socioeconômica os donos de propriedades desfrutavam de um *status* social mais alto, distribuíam poder para serem recebidos pelas classes mais baixas. Este laço de lealdade entre as classes, conforme afirma alguns historiadores, era um dos fatores decisivos na força coesiva que mantinham o Império Romano unido. Segundo Rieger, o império estava unido por mecanismos culturais, políticos e socioeconômicos. O culto ao imperador²⁰ e a retórica andavam de mãos dadas com o sistema de patronato²¹.

Desse modo, essa rede de relações favorecia a classe rica da cidade, já que a mesma detinha mais capacidade e poder aquisitivo na hora de oferecer a benfeitoria e a dinâmica de troca. Já aqueles que não procediam de uma boa família, como os libertos, era necessário cultivar relacionamentos com homens influentes e se possível com autoridades romanas.

Por conseguinte, se o sistema de patronato era parte integrante numa sociedade que se valia dessa troca de favores e benfeitorias a fim gozarem de proteção e ascender na pirâmide hierárquica, seria inevitável esperar que os cristãos residentes na Corinto romana não fossem influenciados por tal prática.

Sobre o reflexo dessa estrutura na comunidade cristã de Corinto, adotamos a posição de Chow, o qual afirma que era comum nas reuniões das assembleias os membros se reunirem para prestarem culto às divindades tutelares da casa imperial, além de celebrarem o baquete ritual. A estrutura das associações, assim como na sociedade romana, eram hierárquicas; no topo estava a divindade

¹⁹ GARNSEY, Peter. SALLER, Richard. Relações patronais de poder. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império: religião e poder na sociedade imperial romana**. São Paulo: Paulus, 2004, p. 104.

²⁰ O culto ao imperador era considerado mutualmente benéfico para os governantes e governados e, portanto, nenhuma coerção direta para forçar participação no culto parecia necessária. Aqueles que tinham mais a ganhar com a busca da manutenção do culto ao imperador eram, naturalmente, os grupos no poder [...]. O culto inclusive fornecia certa oportunidade para ascender socialmente, apesar de aquela ser uma sociedade altamente estruturada (RIEGER, 2009, p. 6).

²¹ Veja RIEGER, Joerg. **Cristo e Império: de Paulo aos tempos pós-coloniais**. São Paulo: Paulus, 2009, p. 9.

padroeira, seguida pelos homens ricos e poderosos no meio e os membros comuns na base. Segundo ele, a reunião consistia no louvor as divindades padroeiras, na celebração de seus natalícios com um culto seguido do baquete²².

Na igreja de Corinto, este modelo estaria estruturado da seguinte forma: divindade – Deus Pai e Deus Filho; patronos – a elite social, isto é, os donos das casas que acolhiam as reuniões; os líderes e os demais membros²³.

Cumprido destacar, que a participação de patronos e clientes no banquete ritual consistia no momento oportuno de estratificação social. O alimento testemunhava a diferença social entre patronos e clientes. A comida e o vinho oferecido aos clientes eram de qualidade inferior, enquanto serviam vinho e comida de melhor qualidade ao anfitrião e seus honráveis amigos.

Nas últimas cartas do primeiro século, o poeta espanhol Marcial, que viveu em Roma dependendo de ricos patrocinadores, destaca as humilhações nesses banquetes. Pois, segundo ele, enquanto a maioria dos hóspedes apenas olha o alimento, Ceciliano (certamente alguém de *status* elevado) devora sozinho os cogumelos. Plínio, o Jovem, amigo de Marcial e responsável por sua volta à Espanha, conta em suas cartas como essa discriminação era feita: “Alguns pratos muito elegantes foram servidos ao hospedeiro e a poucos a seu redor; os pratos oferecidos aos outros eram baratos e desprezíveis”²⁴. Além do mais, a distribuição dos lugares na mesa da refeição ratificava essa diferença.

O lugar de honra ou a terceira posição na mesa do meio, às vezes próximo do anfitrião, era reservado ao principal convidado. Os clientes comuns teriam compreensivelmente de ocupar lugares menos honrados, o mesmo ocorrendo com os libertos. Os escravos e os pobres tinham simplesmente de jantar sobre um tapete²⁵.

Quando mais tarde Paulo escreveu a sua carta de Corinto aos Romanos, disse: “Saúda-vos Gaio, que hospeda a mim e a toda esta carta, saúdo-os no Senhor”

²² CHOW, 2004, p. 123-124. Como por exemplo, no templo de Antínoo em que foi encontrada a inscrição em que se registravam os estatutos da sociedade. Em louvor das divindades padroeiras, celebravam-se seus natalícios com um culto seguido do baquete.

²³ NETO, Evandro Araújo Bezerra. **Conhecimento e Liberdade em 1 Coríntios**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.

²⁴ CROSSAN; REED, 2007, p. 307.

²⁵ CHOW, 2004, p. 127.

(Rm 16.23). Crossan e Reed, acreditam que o fato narrado em 1Coríntios 11.17-34 teria acontecido quando Gaio ou algum patrocinador na cidade hospedava as assembleias para a refeição eucarística segundo o que esperava da comum prática dos banquetes patronais²⁶.

Se esse for o caso, como ventilado acima, nota-se a semelhança dos banquetes patronais com a Ceia do Senhor (1Co 11.17-34). No momento da Ceia – celebração cúlrica que tinha por finalidade levar os participantes lembrarem-se da morte de Cristo – os ricos discriminavam os pobres na desigualdade dos alimentos oferecidos. Os ricos comem primeiro, por conta do *status* que possuem; já os pobres ou simples clientes, quando chegam comem o que sobra para participar do banquete encontram somente restos. Assim, a “*ekklesia*” não cumpria o seu papel de unidade, mas era motivo de partidarismo e separação.

3 A CEIA DO SENHOR COMO MARCA DE FRONTEIRA

A participação na mesa do Senhor não estava aberta a todo o público. Era uma reunião particular onde os congregados participavam do pão. Conforme salienta Dunn, somente os batizados participavam desse momento. Isso se coaduna com a implicação de que “não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios. Não podeis participar da mesa do Senhor e da mesa dos demônios.” (1 Co 10.21)²⁷.

A participação na mesa do Senhor incluía a obrigação de lealdade exclusiva ao Senhor. Para o apóstolo Paulo, a união no corpo de Cristo se constituiu na exclusão estrita de todas as outras formas de associações religiosas. O que implica que a solidariedade de grupo acarreta fortes fronteiras. Paulo usa da linguagem ritual tradicional na Ceia, para recomendar os membros da comunidade que qualquer participação nas refeições cúlricas gentílicas seria idolatria. Porquanto, o pão utilizado no ritual simboliza a união do participante com Cristo e, conseqüentemente, a união da comunidade em sua participação em Cristo²⁸. Ou seja, a participação no ritual aponta a comunhão do participante com Cristo e do

²⁶ CROSSAN; REED, 2007, p. 307.

²⁷ DUNN, 2008, p. 690.

²⁸ MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos**: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Academia Cristã, 2011, p. 329.

participante com o seu próximo.

Entre os gregos e romanos, a forma normal do sacrifício é o “sacrifício de abate”, após o animal ser sacrificado e oferecido a deus/aos deuses, seguia a refeição desse sacrifício. Traços básicos desse modelo de sacrifício podem ser visto na *Ilíada* de Homero.

Depois que rezaram e atiraram os grãos de cevada, primeiro puxaram para trás as cabeças das vítimas e depois as degolaram e esfolaram. Cortaram as coxas e cobriram-nas com dupla camada de gordura e sobre elas colocaram pedaços de carne crua. O ancião queimou-as nas achas e por cima verteu vinho frisante. Junto dele os jovens seguravam garfos de cinco dentes. Queimadas as coxas, provaram as vísceras, cortaram o resto da carne e puseram-na em espetos; assaram-na com cuidado e dos espetos a tiraram. Quando puseram termo ao esforço de preparar o jantar, comeram e nada lhes faltou naquele festim compartilhado²⁹.

Após o sacrifício, dá-se lugar à refeição solene dos celebrantes. Uma parte pertence ao templo ou ao sacerdote e, se vier sobrar, esta pode ser posta à venda nos mercados de carne. Em síntese, a estrutura básica pode ser vista do seguinte modo: “o animal sacrificado é um abate ritualizado seguindo por uma refeição com carne”³⁰.

Segundo Klauck, os sacrifícios tratam de ações espontâneas, diante de inúmeras situações: o retorno de uma filha perdida, recepção hospitaleira de um amigo, visita do filho de um companheiro de guerra. Ademais, há ocasiões fixas para se realizar os sacrifícios: nas festividades públicas, bem como o sacrifício regular nos serviços diários no templo³¹.

Outro ponto nevrálgico na prática do sacrifício diz respeito à vida nas associações. Já que a festa sacrificial e consequente refeição comunitária ocorriam em intervalos regulares; anualmente nas festas aos deuses, mensalmente ou, ainda, de maneira mais frequente conforme o objetivo e estatuto da associação. Para tanto, era necessário locais apropriados; uma casa como local da associação. Definido o lugar, devem-se separar a pessoa/ as pessoas responsáveis para o

²⁹ ILÍADA I, 455-465. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

³⁰ KLAUCK, Hans-Josef. **O entorno religioso do cristianismo primitivo I: Religião civil e religião doméstica, cultos de mistérios, crença popular.** São Paulo: Loyola, 2011, p. 31.

³¹ KLAUCK, 2011, p. 31.

preparo e execução³².

Os convites para as ceias sacrificiais serviam como forma de comunicação. Famílias, associações e cidades se reuniam a fim de celebrarem a sua solidariedade. Conforme Theissen, trata-se da vida social em Corinto e, restrições como não comer “carne sacrificada a ídolos” fixavam barreiras à comunicação. Esta restrição estava levantando o problema da relação dos cristãos com a antiga sociedade³³.

O problema era mais grave para os pobres. Sem recursos para a compra, tinham chances do consumo de carne somente nas distribuições gratuitas que aconteciam por ocasião de festas religiosas. E essa carne era seguramente contaminada pelo sacrifício aos deuses e às deusas. Então, recomendar-se-ia à comunidade cristã integral abstenção?³⁴

Dessa forma, uma análise sociológica sugere que o assunto tratado em 1Co 10-11 era, sobretudo, a união social. Três aspectos, segundo Dunn, propõem a questão: 1) A queixa do apóstolo de que a reunião na igreja revela o cisma entre eles (11.18). O divisionismo das tensões sociais e do partidarismo assumidos pelos membros da comunidade cristã de Corinto foi a principal preocupação na carta como um todo, e era na Ceia do Senhor que tal divisão se manifestava. 2) Em Coríntios 11.19, o apóstolo fala de “facções/seitas” entre eles. 3) Como o assunto foi introduzido, sugere que os coríntios não haviam comunicado a situação a Paulo. Ou a elite social da igreja não sabia do ocorrido na celebração da Ceia do Senhor, ou não se preocupavam com isso³⁵.

3.1 Fracos e Fortes

Theissen argumenta que a dificuldade por trás de comer carne sacrificada aos ídolos tendesse a dividir os membros de acordo com o *status* social. Uma vez que os fracos evitavam toda a carne sacrificada aos ídolos. Os fortes, por sua vez, não viam problema em comer carne nesses ambientes. Eles recorriam ao seu

³² KLAUCK, 2011, p. 58.

³³ THEISSEN, Gerd. **Sociologia da cristandade primitiva**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985, p. 139-140.

³⁴ BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto: Um comentário exegético-teológico**. São Paulo: Sinodal, 2008, p. 107.

³⁵ DUNN, 2008, p. 689-690.

conhecimento de que há um único Deus, os ídolos não existem e, dessa forma, não há carne sacrificada aos ídolos (1Co 8.4ss)³⁶.

Paulo dá a entender que os fracos compunham as camadas mais baixas da sociedade. Em 1Co 1.26ss, o apóstolo afirma que não há muitos sábios, poderosos e nobres de nascimento na comunidade – ele usa a palavra *dynatoi* para denominar poderosos – assim como em Rm 15.1 ele denomina os fortes³⁷. Prior salienta que o homem fraco em 1Co 8.7 é o irmão sensível as questões sobre carne sacrificadas aos ídolos; é um cristão superlegalista, cuja tendência é rejeitar tudo aquilo que seja duvidoso, a fim de não causar nenhum prejuízo no seu relacionamento com Deus³⁸.

Meeks afirma: “que eram os membros mais opulentos, ‘os fortes’, cujos negócios e cujos relacionamentos sociais podiam ser gravemente prejudicados se a proibição de ‘comer carne oferecida aos ídolos’ fosse reforçada”. (Uma que eles, por causa do *status*, eram convidados para participar de banquetes rituais). A classe mais pobre, no entanto, seria menos atingida, pois os pobres raramente comiam carne³⁹.

Paulo entende que o cristão pode comer qualquer coisa oferecida no mercado da cidade (mesmo que a carne vendida ali venha dos templos). Os crentes, de igual modo, podem aceitar o convite de comer na casa de um gentio, contanto que o comer não seja como um ato cúltico por alguém (1Co 10.27ss). No entanto, o crente deve estar pronto a sacrificar sua liberdade a fim de evitar o mal ao irmão fraco⁴⁰.

Seguindo nessa proposta, Paulo tem em mente que o cálice da bênção representa a “comunhão com o sangue de Cristo” e o pão é “a comunhão com o corpo de Cristo”. Assim como no caso de Israel, aqueles que ingerem os sacrifícios partilham do altar. Também, aqueles que ao participarem ingerem alimentos sacrificados a ídolos se associa a demônios (ídolos/ deuses) estabelecendo a parceria entre deuses e participantes. Entretanto, para Paulo, em contraste com a sociedade dominante, a qual se vinculava a múltiplos deuses, a assembleia (*ekklesia*) daqueles que partilham do corpo de Cristo tinha caráter exclusivo. Era,

³⁶ THEISSEN, 1985, p.133.

³⁷ THEISSEN, 1985, p. 136.

³⁸ PRIOR, David. **A mensagem de 1 Coríntios**. São Paulo: ABU Editora, 1993, p. 157.

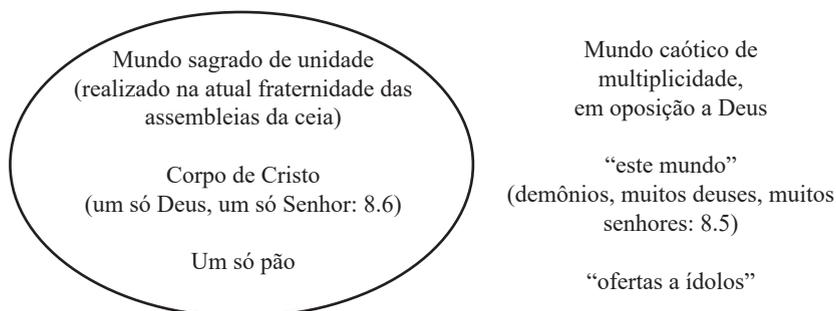
³⁹ MEEKS, 2011, p. 217.

⁴⁰ MEEKS, 2011, p. 217.

portanto, proibido para o membro da comunidade cristã, participante do cálice e da mesa do Senhor também participar do cálice e da mesa dos demônios. Não era uma questão de ética, mas de integridade e sobrevivência da assembleia dos coríntios⁴¹.

Concomitantemente, Ridderbos destaca que o comer e o beber da Ceia estão em contraste com a participação em refeições sacrificiais pagãs. Fundamentalmente não é só mostrar, de modo geral, que não se pode estar envolvido em banquetes rituais cômicos pagãos (ídolos e demônios) e com Cristo, mas sim, sobretudo, o comer e o beber, tanto numa como na outra mesa, é irreconciliável visto que em ambas se está participando de uma refeição sacrificial e, portanto, significando comunhão com os demônios e com o Senhor⁴².

Nesse sentido, o ritual da Ceia do Senhor acarreta para Paulo uma visão de mundo, um demarcador de fronteira, conforme apresentado pelo seguinte diagrama.



Fonte: Meeks, 2011, p. 330.

O círculo representa a fronteira da comunidade cristã, o mundo sagrado no qual o participante da assembleia não deve ultrapassar. Haja vista que os participantes como fazem parte da “*ekklesia* de Cristo”, assim, segundo Paulo, todos são participantes da mesa de um só Deus, um só Senhor. Já o mundo fora do círculo é o mundo caótico de multiplicidade em oposição a Deus, onde demônios, muitos deuses e muitos senhores agem e a oferta nesse contexto constitui oferta aos ídolos e não ao único Deus.

⁴¹ HORSLEY, 2004, p. 244.

⁴² RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo**: A obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 467-468.

Desse modo, assevera Meeks: “Paulo usa o simbolismo do ritual da Ceia não só para estimular a coerência interna, a unidade e a igualdade do grupo cristão, mas também para proteger suas fronteiras em face de outros tipos de associação cültica”⁴³.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos apresentados segue as seguintes considerações: Paulo não faz uma explanação mais detalhada a respeito da celebração da mesa do Senhor, porquanto sua intenção é resolver os conflitos ali ocorridos e não mostrar como a celebração era realizada na igreja (isso faz parte da sua teologização). Embora seja possível investigar os aspectos concernentes à celebração tendo em vista as refeições cultuais realizadas nos templos da cidade de Corinto.

Ademais, pode-se constatar o quão comum era na cidade de Corinto os banquetes oferecidos aos deuses nos templos e, como esses banquetes serviam no momento oportuno de estratificação social. Os ricos por serem mais abastados comiam melhor nessas reuniões, os pobres, por sua vez, comiam aquilo que sobrava. Os ricos comem primeiro em detrimento dos pobres que nada tem. Era uma forma de mostrar a diferença entre as classes. Tal prática, como supracitado, ganhava lugar na celebração da mesa do Senhor. Haja vista, por se tratar de igrejas domésticas, os anfitriões ricos da comunidade cristã de Corinto humilhavam os pobres com tal atitude.

A finalidade do banquete não cumpria seu propósito. O desejo de Paulo era unir a comunidade e eliminar qualquer momento de divisão no corpo de Cristo. Participar do corpo de Cristo é se lembrar do amor de Cristo em prol do outro, em função do outro. A atitude de Cristo eliminou as fronteiras hierárquicas e, qualquer legitimador de atitude que leva alguns (mais ricos) humilharem outros (mais pobres) não tem espaço na mesa do Senhor. Sendo assim, o apóstolo Paulo não podia admitir a participação dos membros em um banquete onde havia humilhação e acepção de pessoas, nos quais, ainda, se negligenciava o exemplo de Cristo.

Além disso, a mesa do Senhor servia como marca de fronteira. Incluía a obrigação de lealdade exclusiva do participante. O objetivo aqui é proteger os membros em face de qualquer outra associação cültica.

⁴³ MEEKS, 2011, p. 330.

Já que na cidade era comum as pessoas participarem dos cultos nos templos. A carne oferecida nesses locais era sacrificada a ídolos. Os fortes não viam dificuldade em comer carnes nesses ambientes, argumentando que os ídolos não existem. Os fracos, por sua vez, evitavam toda carne sacrificada aos ídolos. Paulo deixa claro que os crentes podem até aceitar o convite para comer na casa de um gentio, porém o comer não pode ser associado como um ato cúltico. O apóstolo compartilha do argumento dos fortes, mas aconselha-os sacrificar sua liberdade a fim de evitar qualquer dificuldade ao irmão fraco.

Para o apóstolo o cálice representa a comunhão com o sangue de Cristo e o pão com o corpo de Cristo. Logo, ingerir o sacrifício faz da pessoa participante do altar. Não era simplesmente uma questão de ética, mas sim de integridade e sobrevivência. Uma vez que é irreconciliável a comunhão com os demônios e com o Senhor.

Portanto, compreender a forma como os banquetes eram celebrados na sociedade de Corinto é fator determinante para entender a problemática por trás da celebração da mesa do Senhor em 1Coríntios. Com isso, o presente trabalho não pretendeu esgotar o assunto, mas apresentar de modo coerente uma resposta à indagação supracitada. Fica em aberto para pesquisas futuras apresentar os aspectos espirituais com que Paulo entendia esse momento, porquanto a errada participação fez com que muitos ficassem doentes e alguns haviam morrido.

REFERÊNCIAS

- BRAKEMEIER, Gottfried. **A Primeira Carta do Apóstolo Paulo à Comunidade de Corinto**: Um comentário exegético-teológico. São Paulo: Sinodal, 2008.
- CHOW, John K. Patronato na Corinto romana. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império**: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.
- CROSSAN, John Dominic. REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo**: Como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DUNN, James. **A Teologia do apóstolo Paulo**. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- GARNSEY, Peter. SALLER, Richard. Relações patronais de poder. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império**: religião e poder na sociedade imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.
- HAFEMANN, S. J. Cartas aos Coríntios. In: HAWTHORNE, Gerald F. MARTIN, Ralph P. REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas Cartas**. 2 ed. São Paulo: Paulus; São Paulo: Vida Nova; São Paulo: Loyola, 2008.
- HORSLEY, Richard A. 1 Coríntios: Estudo de caso da Assembleia de Paulo como sociedade alternativa. In: HORSLEY, Richard A. **Paulo e o império**: religião e poder na sociedade

- imperial romana. São Paulo: Paulus, 2004.
- ILÍADA I, 455-465. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das letras, 2005.
- KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento**: Exposição da Primeira Epístola aos Coríntios. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- KLAUCK, Hans-Josef. **O entorno religioso do cristianismo primitivo I**: Religião civil e religião doméstica, cultos de mistérios, crença popular. São Paulo: Loyola, 2011.
- LOUW, Johannes. NIDA, Eugene. **Léxico Grego-Português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.
- MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos**: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Academia Cristã, 2011.
- MORRIS, Leon. **I Coríntios**: Introdução e comentário. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo biografia crítica**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- NETO, Evandro Araújo Bezerra. **Conhecimento e Liberdade em 1 Coríntios**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2010.
- PRIOR, David. **A mensagem de 1 Coríntios**. São Paulo: ABU Editora, 1993.
- REIGER, Joerg. **Cristo e Império**: de Paulo aos tempos pós-coloniais. São Paulo: Paulus, 2009.
- RIDDERBOS, Herman. **A Teologia do apóstolo Paulo**: A obra definitiva sobre o pensamento do apóstolo aos gentios. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- SCHNELLE, Udo. **Paulo vida e pensamento**. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2014.
- THEISSEN, Gerd. **Sociologia da cristandade primitiva**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

